Dr. Jim Spiegel, Filosofia da Religião, Sessão 15, Divina Providência

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 15, Divina Providência.

Certo, a próxima questão sobre a qual falaremos aqui é a da providência divina. A doutrina da providência diz respeito à noção de que Deus cuida ou controla o mundo.

Isso é filosoficamente interessante porque levanta uma série de questões relacionadas à liberdade humana, bem como ao problema do mal. As questões que consideraremos são, ou que qualquer doutrina particular da providência visa abordar, quão completo é o controle de Deus sobre o mundo? Deus predetermina os eventos humanos? E como a providência divina se enquadra na liberdade humana e na presença do mal no mundo? Então, deixe-me começar explicando brevemente cada uma das principais visões da providência, começando com a visão calvinista agostiniana de que Deus ordena todas as coisas que acontecem. Então, nessa visão, o controle de Deus sobre o mundo, incluindo vidas humanas, é absolutamente completo.

A providência é meticulosa, como às vezes é dito, controlando todos os detalhes do cosmos, incluindo os seres humanos. A simples presciência divina é a visão de que Deus apenas presciente de todas as coisas que ocorrerão. Ele não as predetermina.

Então, aqueles que defendem a simples presciência divina o fazem para proteger uma certa concepção da liberdade humana, como veremos. Existem diferentes visões sobre a liberdade humana que estão envolvidas em cada uma dessas visões. O conhecimento médio divino, também conhecido como Molinismo, é a visão de que Deus sabe todas as coisas que as criaturas livres fariam, e ele decreta de acordo.

Explicarei isso, assim como essas outras visões, com mais detalhes à medida que avançarmos. E então, finalmente, há o teísmo aberto, que é uma visão menos ortodoxa de safra mais recente, de que Deus não conhece o futuro em sua totalidade, e ele pode até ficar surpreso que certas coisas tenham acontecido. E Deus assume riscos ao fazer a humanidade, sem saber qual será o resultado de muitos eventos e escolhas humanas.

Então essas são as quatro visões padrão. Agora, eu mencionei que cada uma dessas visões assume uma visão particular sobre a liberdade. Então, vamos esclarecer as três principais visões da liberdade humana, começando com o Hard Determinism, que é uma visão que afirma a causalidade universal e nega a liberdade humana.

O Hard Determinist diz que todo efeito e todo evento no mundo tem uma causa suficiente, e isso inclui o ser humano que faz escolhas; toda escolha que um ser humano faz, de acordo com o Hard Determinist, é determinada por causas anteriores. Mesmo que ele ou ela não esteja ciente disso, sempre há algum tipo de causa suficiente para cada escolha que uma pessoa faz. E por causa disso, o Hard Determinist diz que os seres humanos não devem ser livres.

Não somos livres, e não temos responsabilidade moral. O Libertário assume, em certo sentido, a visão oposta. O Libertário afirma a liberdade humana, mas ao fazê-lo nega a causalidade universal, dizendo que a vontade humana é uma exceção a essa lei de determinação causal.

E então, a visão Compatibilista, como o nome sugere, sustenta que a liberdade humana e a causalidade universal são logicamente compatíveis. Todas as escolhas humanas devem ser causadas. Eles concordam com o Hard Determinist nesse ponto.

Mas, ainda assim, os seres humanos desfrutam de liberdade significativa enquanto as causas de nossas escolhas estiverem dentro de nós. A escolha que eu faço é uma consequência do meu estado psicológico imediato, desejos que eu tenho e motivos que eu tenho. Enquanto eu não estiver sendo compelido de fora, minhas mãos não estiverem amarradas, eu não estiver sendo trancado em um quarto, eu sou capaz de agir de acordo com minha escolha, e isso assegura minha liberdade, de acordo com o Compatibilista.

Às vezes, essa visão é conhecida como Determinismo Suave. Quando se trata da orientação cristã sobre essa questão de visões sobre liberdade, acho que é seguro dizer que uma dessas três visões que o cristão deve evitar é o Determinismo Duro, e isso porque está claro nas Escrituras que os seres humanos são moralmente responsáveis, então tem que haver algum senso significativo de liberdade ali para dar conta disso, e isso contradiria o Determinismo Duro. Então, para o cristão, nossas escolhas se resumem a algum tipo de Libertarianismo, algum tipo de Compatibilismo.

Uma dessas duas visões, como veremos com essas diferentes visões da Providência, é que a maioria delas é baseada em uma convicção Libertária, optando por uma visão Libertária da liberdade humana. Uma delas é Compatibilista, que é a visão Calvinista Agostiniana. Calvinistas são Compatibilistas quando se trata de liberdade humana.

Então, vamos falar um pouco sobre cada uma dessas visões sobre a Divina Providência e destrinchar um pouco essas ideias, começando com o Teísmo Aberto, uma visão que também é conhecida como Teísmo do Livre Arbítrio. Ela foi defendida por pessoas como David Bassinger, Clark Pinnock, John Sanders e William Hasker. Esses foram quatro dos cinco autores que produziram um livro no início e meados

dos anos 90 chamado *The Openness of God*, e isso realmente lançou muito interesse na discussão acadêmica sobre isso.

Era considerada uma nova visão da Divina Providência que, bem, realmente não era nova. Havia versões disso na Teologia da Libertação, Teologia Feminista e Teologia do Processo no início do século XX. Mas o Teísmo Aberto era único, pelo menos na medida em que os proponentes dessa visão eram crentes confessos na autoridade absoluta das Escrituras, e até mesmo sustentavam que as Escrituras são infalíveis.

Então, eles têm uma visão elevada das Escrituras em muitos casos. Então a questão é, bem, isso pode realmente ser enquadrado com as Escrituras, essa visão? Bem, qual é a visão? Teístas abertos, como mencionei, acreditam que Deus realmente assume riscos na criação. Eles negam que Deus tenha presciência exhaustiva.

Ele não conhece todo o futuro. Eles diriam que o futuro não pode ser conhecido nem mesmo por um ser perfeito, isto é, Deus. Eles propõem essa ideia de que Deus não tem presciência divina exhaustiva porque estão preocupados em proteger e preservar uma visão libertária da liberdade humana e também ajudar a resolver o problema do mal e tentar conciliar a realidade do sofrimento extremo do mal neste mundo com a realidade de Deus.

Então, o Open Theist apela à liberdade humana libertária para tentar lidar com esses problemas. Eles dizem que se os humanos são genuinamente livres nesse sentido, livre-arbítrio libertário, então nem Deus pode saber de antemão o que escolheremos. Isso é algo a que nem mesmo um Deus onisciente pode ter acesso, isto é, conhecimento do que uma criatura livre libertária escolherá no futuro.

E o mal é o resultado de nossos abusos do livre-arbítrio libertário. Então, isso é tudo nossa responsabilidade. Deus não é responsável por nenhuma das coisas ruins que os seres humanos fazem.

Então é assim que o Open Theist lida com o problema do mal. É bem direto. Open Theists como William Hasker e David Bassinger deram alguns argumentos intensivos visando mostrar que a liberdade libertária é inconsistente com a presciência divina exhaustiva.

Então, aqui está a lógica básica para essa afirmação: a liberdade humana implica o poder da escolha contrária. Que quando se trata do momento da escolha, se eu escolher o bolo de chocolate em vez do pudim de pão, e eu fiz isso livremente, isso significa que se você rebobinasse e me colocasse na mesma circunstância, eu realmente tinha o poder de fazer a escolha contrária e ir com o pudim de pão. Todas as mesmas condições causais poderiam ser obtidas naquele momento da escolha, e eu ainda tinha o poder de ir de um jeito ou de outro.

Eu poderia ter feito qualquer uma de uma variedade de escolhas. Esse é o poder da escolha contrária. Bem, a presciência divina exaustiva de uma ação escolhida implica que essa ação não pode ser de outra forma.

Se Deus sabe que vou escolher o bolo de chocolate, então quando o momento da escolha chegar, eu realmente não posso escolher o pudim de pão, posso? Porque eu não posso fazer o conhecimento aparente de Deus equivocado. Se Deus realmente sabe que isso vai acontecer, então não pode ser de outra forma. A presciência divina exaustiva, portanto, implica que não há poder de escolha contrária.

Eu realmente vou escolher o bolo de chocolate. Eu realmente não posso escolher o pudim de pão se Deus sabe de antemão que eu vou escolher o bolo. A presciência divina exaustiva implica que não há liberdade real para escolher uma determinada coisa, e isso se aplica a todas as ações humanas.

Portanto, os seres humanos não têm liberdade dada a presciência divina exaustiva. Agora, todo esse aviso foi baseado em uma visão libertária da liberdade humana, que é, você sabe, a visão que temos de um tipo de poder de escolha contrária, e a vontade não é completamente determinada. Mas dada a suposição de liberdade libertária, os teístas abertos podem fazer esse argumento contra a presciência divina exaustiva.

Eles fazem alguns pontos adicionais sobre essa doutrina de presciência divina exaustiva. Se Deus previu que X aconteceria, então X já está garantido como verdadeiro. Então, que tipo de trabalho providencial Deus tem a fazer se ele já sabe o que vai acontecer? De fato, pareceria vincular Deus em termos de suas ações futuras.

Se ele sabe que no futuro fará algo, então ele deve fazê-lo, e não pode fazer de outra forma. Parece eliminar até mesmo a liberdade divina. Além disso, a presciência divina exaustiva, os teístas abertos às vezes notam que elimina a emoção divina.

A emoção divina genuína só é possível se Deus não conhece todos os resultados com antecedência. Eles diriam que Deus não conhece todos os resultados com antecedência. Ele não deve conhecer todos os resultados porque os seres humanos têm livre-arbítrio libertário, e é por isso que ele pode genuinamente ficar surpreso, frustrado ou bravo.

Qualquer emoção ou resposta emocional que ele tenha à ação humana é indicativa do fato de que ele realmente não sabia o que iria acontecer ou o que uma pessoa em particular iria fazer antes de fazê-lo. William Hasker elaborou essa doutrina da onisciência divina a partir de uma perspectiva teísta aberta. Ele faz um paralelo entre a onisciência divina e a onipotência divina, como geralmente é definida.

Então, onipotência é uma definição padrão de onipotência, remontando pelo menos a Tomás de Aquino, é que Deus pode fazer qualquer coisa que seja logicamente possível e consistente com a perfeição. Onisciência, diz Hasker, pode ser definida de uma forma que é paralela a isso, que Deus sabe tudo o que pode ser conhecido, mas é, como ele diz, logicamente impossível para Deus ter presciência de ações de criaturas que são verdadeiramente livres. Então é por isso que, apenas de um ponto de vista lógico, Deus não pode saber tudo o que você vai fazer amanhã porque é logicamente impossível para qualquer ser saber disso porque temos livre-arbítrio libertário.

Essa é a visão de Hasker, e isso representa os teístas abertos muito bem, geralmente como um grupo. Então, como Deus não tem presciência exaustiva, os teístas abertos sustentam que Deus assume riscos genuínos ao criar seres humanos. Ele não sabia de antemão como as coisas iriam acontecer.

Ele não sabia com certeza que os seres humanos cairiam em pecado, e ele não sabia de antemão como qualquer ser humano responderia à sua oferta de salvação pela graça por meio da fé. E que Deus pode ser surpreendido, frustrado, até mesmo enganado em suas crenças, esperanças e expectativas sobre o futuro. E isso é obviamente controverso, uma vez que você começa a falar sobre Deus cometendo erros, você está pisando em algum território proibido, alguns problemas teológicos sérios.

Mas os teístas abertos, pelo menos na maioria dos casos, permanecem firmes nessa convicção. William Hasker tem uma abordagem tripla para a profecia preditiva que eu acho bem inovadora. Essa é uma questão que surge naturalmente quando pensamos sobre o teísmo aberto e a ideia de que Deus pode estar enganado sobre o futuro e não sabe o futuro; está escondido dele, e que, você sabe, há certas coisas que ele não pode saber por causa do livre-arbítrio libertário.

Como é então que ele pode fazer profecias preditivas centenas, até milhares de anos no futuro que se revelam perfeitamente precisas? Então, Hasker diz que precisamos dividi-las em diferentes tipos de profecias. Há profecias condicionais, ele diz, aquelas que são contingentes à ação de seres humanos. Se você fizer X, eu farei Y. Então, há profecias condicionais.

Há previsões baseadas em tendências e tendências existentes. Então ele pode fazer previsões baseadas nisso. E então há anúncios do que o próprio Deus pretende fazer acontecer.

Ele pode garantir que essas coisas aconteçam. Então, depende de uma profecia em particular. Se achamos realmente improvável ou surpreendente que ele previsse, digamos, que o Messias nasceria em um determinado momento e lugar, é porque Deus garantiu que isso aconteceria.

Ele não apenas, essa é uma das coisas que ele não deixou acontecer por conta própria. Ele interveio para garantir que isso acontecesse. Aqui está o que eu diria sobre essa categorização tripla de profecias que Hasker faz. Acho que essas primeira e terceira categorias fazem sentido, certamente quando ele está falando sobre profecias condicionais e anúncios do que Deus pretende fazer, com certeza.

Precisamos conceder isso. É essa segunda categoria que eu acho problemática. Se os seres humanos têm liberdade libertária, então as tendências e tendências existentes serão insuficientes para que até mesmo um ser onisciente, pelo menos na visão teísta aberta, preveja o futuro de forma confiável, especialmente centenas de anos no futuro.

Isso simplesmente não vai funcionar. E em muitos desses casos, você sabe, não são profecias condicionais. Então, se a segunda categoria não vai funcionar e não são profecias condicionais, então devem ser todos casos do que o próprio Deus pretende fazer.

Mas agora você tem tanta interferência divina com a liberdade humana e o livre-arbítrio libertário que isso parece ser prejudicial ao que os teístas abertos querem, que é preservar a liberdade libertária humana. Você tem um Deus que é tão intrusivo, certificando-se de que as coisas funcionem. Para que todas essas profecias sejam cumpridas, há muita interferência com a liberdade humana.

Então, eu acho que, à primeira vista, essa análise pode parecer convincente, mas acaba sendo bem problemática dado o comprometimento do teísmo aberto com a liberdade libertária. Outro problema: como Deus pode garantir que seus planos para a história serão realizados, novamente, dada a liberdade libertária? Hasker diz que Deus é tremendamente engenhoso e pode adaptar seu plano a todas as respostas humanas para atingir seus propósitos. Então, esse é o teísmo aberto e algumas das ideias e conceitos que foram desenvolvidos lá por alguns teístas abertos líderes, bem como alguns dos problemas com a visão.

O mais significativo deles, novamente, é a sugestão de que Deus às vezes está enganado em suas visões, apenas a ideia de que Deus não conhece o futuro inteiramente. Parece estranho a um retrato bíblico de Deus, pelo menos na minha leitura das Escrituras. No entanto, os proponentes de todas as três visões sobre a providência seriam fortes críticos do teísmo aberto.

Então, vamos falar sobre as outras visões sobre providência, todas as quais eu diria que são opções ortodoxas para o cristão com uma visão elevada das Escrituras. Uma delas é a presciência divina simples, e um grande proponente dessa visão é David Hunt. Hunt defende a presciência divina simples contra críticas de teístas abertos de que a doutrina da presciência divina exaustiva não fornece benefícios providenciais.

Um Deus com presciência divina exaustiva seria maior do que um Deus sem ela? Hunt diz que sim, e ele constrói um tipo de experimento mental onde vamos deixar E representar um evento, o conhecimento de Deus sobre E, e então a ação de Deus e o objetivo de Deus são todos elementos envolvidos neste experimento mental. Hunt entende a presciência divina simples no sentido de que Deus pode ver, por assim dizer, o que é temporalmente distante de algo como podemos ver o que é espacialmente distante. Então, de acordo com Hunt, K de E, ou o conhecimento de Deus sobre E, é explicativamente dependente de E. Ele chama essa visão de presciência completa e simples porque Deus assume todo o futuro de uma vez.

Isso é diferente do que ele chama de presciência simples incremental, onde, você sabe, Deus estaria ganhando, ou seu conhecimento do futuro meio que cresceria por incrementos. Com presciência simples completa, Deus sabe de tudo de uma vez. Essa é a versão de Hunt da visão.

Então, Hunt imagina um jogo de pedra-papel-tesoura entre Deus e Satanás para ilustrar o uso de Deus de presciência simples e completa para atingir um objetivo, neste caso, vencer o jogo. Espero que isso não seja uma ideia muito boba, mas ilustra o que ele quer dizer. Deus sabe de antemão o que Satanás escolherá, e Deus usa isso para tomar sua própria decisão vencedora.

Então, é assim que a simples presciência de Deus é útil em uma situação particular. Aquele jogo de pedra-papel-tesoura com Satanás poderia ser representativo de qualquer número de situações humanas. John Sanders argumenta que a visão de Hunt é problemática porque implica que Deus não pode realmente impedir que algo aconteça, o que ele sabe que vai acontecer.

Se Deus sabe de antemão que vou sofrer um acidente de carro amanhã, então, porque ele sabe, ele não pode evitar. E, certamente, quaisquer orações pela minha segurança a esse respeito serão inúteis, porque Deus está vinculado ao seu próprio conhecimento avançado do evento. Hunt responde observando que a prevenção não é o único tipo de atividade providencial.

Há prevenção para a qual Deus pode usar sua presciência completa e simples, ou seja, para impedir que Satanás ganhe aquele jogo de pedra-papel-tesoura. No entanto, Hunt parece não entender o ponto da crítica de Sanders, pelo menos, já que a presciência completa e simples não parece descartar o poder da escolha contrária. Sinto muito. Ela descarta o poder da escolha contrária quando se trata das ações de Deus no futuro.

Esse era um ponto que eu estava levantando antes. É por isso que Sanders diz que, na visão de Hunt, Deus saberia então o que ele vai fazer antes de se decidir, e Deus seria incapaz de planejar, antecipar ou decidir sobre suas próprias ações em um dado

caso. Se ele sabe de antemão o que vai fazer, então ele não tem base para deliberação ou planejamento.

Ele simplesmente faz, quando chega o momento, o que sabia de antemão que faria. E isso parece tirar uma certa racionalidade ou deliberação divina, o que parece contraintuitivo. Então, há problemas com essa visão também, a visão simples da presciência divina.

Ironicamente, a maneira como inibe a liberdade divina, mesmo que pareça proteger a liberdade libertária humana, parece algemar Deus. A terceira visão, o conhecimento médio divino, também conhecido como Molinismo, foi idealizado no século XVI pelo padre jesuíta, o teólogo jesuíta Louis de Molina. É por isso que é chamado de Molinismo.

Craig começa sua discussão sobre essa questão em muitos casos considerando a pergunta que Ebenezer Scrooge faz a um dos espíritos que o visitam em Um Conto de Natal. Acho que é o fantasma do futuro do Natal. E Scrooge quer saber, você sabe, esses eventos são os que acontecerão ou podem acontecer? Intimamente relacionada a essa ideia de pode ou poderia está a ideia do que aconteceria dadas certas condições que poderiam ser obtidas.

É aí que Molina foca na ideia do chamado conhecimento médio, o conhecimento de Deus sobre o que seria. Não é apenas o que será, não é apenas o que poderia ser ou o que poderia ser, mas o que seria o caso dadas certas condições. Essas são condicionais contrafactuais que ficam entre o que poderia e o que será o caso.

Eles fornecem a chave para resolver os enigmas da providência, de acordo com pessoas como William Lane Craig. Aqui estão alguns exemplos de condicionais contrafactuais. Se eu fosse rico, compraria um Mercedes Benz.

Isso não é realmente verdade, mas acho que talvez seja verdade para William Lane Craig. Não é verdade para mim. Se Goldwater tivesse sido presidente, então os EUA teriam vencido a Guerra do Vietnã. É contrafactual.

Se você a convidar para sair, ela dirá sim. Essas são todas condicionais contrafactuais. Os antecedentes não são verdadeiros.

Eu não sou rico, Goldwater nunca foi presidente, e neste caso, a pessoa não convidou aquela garota para sair. Mas se essas coisas tivessem acontecido, se elas realmente aconteceram, a ideia é que essas outras coisas seguiriam. Isso é um tipo de condicional contrafactual, e o conhecimento dessas coisas seria um tipo de conhecimento médio.

Tem a ver com a ordem lógica dos decretos criativos de Deus. Então, Molina observa que Deus tem esses dois tipos de conhecimento: conhecimento natural e conhecimento livre. Conhecimento natural é o conhecimento de Deus de todas as verdades necessárias, incluindo todos os mundos possíveis que ele poderia criar.

Ele tem esse conhecimento, e ele tem conhecimento livre, e esse é seu conhecimento de todas as verdades contingentes sobre o mundo real, incluindo passado, presente e futuro. Ele tem esse tipo de conhecimento, mas ele também tem algo que fica entre esses dois. Molina sugere que o conhecimento natural de Deus é anterior a qualquer um de seus decretos, e seu conhecimento livre resulta de seus decretos.

Ele tem conhecimento anterior aos decretos divinos e então o conhecimento que Deus tem como consequência de seus decretos. Seu conhecimento de verdades contrafactuais está entre essas duas coisas. Está entre seu conhecimento natural e seu conhecimento livre, e é por isso que é chamado de conhecimento médio.

É o conhecimento de Deus sobre o que criaturas livres libertárias fariam em várias circunstâncias. Então, em relação à negação de Cristo por Pedro, Deus sabia o que Pedro faria quando confrontado com essa tentação, e Deus decretou o mundo no qual Pedro enfrentaria essa tentação. É por isso que Jesus sabia que ele iria negá-lo.

Ele tinha esse conhecimento médio. Mas Deus não decretou a escolha real de Pedro de negar Cristo. Então, isso cria um buffer entre Deus e o mal.

Deus pode decretar um mundo no qual ele tem todo esse conhecimento médio sem decretar os males reais naquele mundo. Isso realmente funciona é a questão de impedir que Deus seja responsável por inibir ou violar a liberdade humana ou pela ocorrência do mal. Craig continua a criticar as visões alternativas sobre a providência em relação à visão calvinista agostiniana.

Ele diz que parece fazer de Deus o autor do mal ao fazer a predestinação de Deus de todas as coisas antes de sua presciência. Essa simples presciência divina é problemática porque trivializa a predestinação divina, já que o futuro não pode ser mudado. Se Deus sabe disso, então seus decretos não têm nada a realizar.

Esse é um ponto que o teísta aberto fez contra a simples presciência divina. E então, com relação à visão teísta aberta, Craig diz que isso é radicalmente antibíblico. Os proponentes das outras visões ortodoxas concordariam de coração com Craig nesse ponto.

Então, o conhecimento médio divino é uma visão satisfatória? Há certas objeções que têm sido consistentemente feitas na crítica ao conhecimento médio divino, mas a mais significativa delas é algo chamado de objeção de fundamentação. E esse

problema é este: dada uma visão libertária da liberdade, Deus não pode saber o que as criaturas livres escolherão ou o que elas escolheriam em várias situações porque não há nada que exista para torná-las verdadeiras ou para fundamentar sua verdade. Em que base Deus pode saber que Pedro negará Cristo se ele estiver nessa situação? Essa é a objeção de fundamentação.

Agora, Craig responde alegando que a objeção de fundamentação assume o que ele chama de teoria do criador da verdade, que diz que para qualquer verdade, deve haver algo que a faz ser verdadeira. No entanto, de acordo com Craig, a relação entre uma proposição e sua verdade não é uma relação causal. A questão é se isso realmente supera esse problema.

Essa é uma resposta adequada à objeção de fundamentação? Não acho que o objetor de fundamentação tenha que assumir a teoria do criador da verdade. Qualquer versão da teoria da correspondência da verdade servirá para fazer a objeção de fundamentação funcionar. A questão, eu acho, poderia ser colocada assim: A que exatamente as verdades contrafactuais no conhecimento médio divino correspondem? Isso realmente implora por uma resposta.

Relacionado a isso há outro problema. Talvez seja apenas um aspecto desse problema de aterramento. Parece-me que o Molinismo assume, de uma forma muito sutil, um tipo de determinismo, um tipo de determinismo que o Molinista não quer aceitar.

Por causa de toda essa ideia do que seria o caso, quando você analisa isso, eu acho que o que você obtém é basicamente se mais deve. Dizer que Pedro negaria Cristo em tais e tais circunstâncias significa que se ele for colocado em uma determinada situação, então ele fará tal e tal. Se ele for colocado na circunstância em que ele é tentado a negar Cristo, então ele fará isso.

Ele deve fazer isso como uma questão de necessidade. Se isso é conhecido por Deus, é o mesmo problema que enfrenta a simples presciência divina. O que Deus sabe, seja em termos de simples presciência divina ou conhecimento médio divino, se ele sabe que será o caso ou seria o caso, então, dadas as circunstâncias, deve seguir porque Deus sabe.

Então, há um tipo de aspecto determinístico nisso que Craig, é claro, negaria e outros molinistas negam, mas eu acho que ele realmente está lá, e é um problema para o conhecimento médio divino. Por fim, há a visão calvinista agostiniana, que diz que Deus não assumiu riscos ao criar o mundo e fazer os seres humanos e que Deus predestinou todos os eventos da natureza na história humana. Como é dito na Confissão de Fé de Westminster, alguns proponentes dessa visão incluem Paul Helm, Steve Cowen e eu.

Defendo essa visão em um livro que escrevi chamado *The Benefits of Providence*. Mas há problemas com essa visão também. Há problemas com todas essas quatro visões, e um problema com a visão calvinista agostiniana é que ela implica que os seres humanos não têm liberdade libertária e, portanto, não são moralmente responsáveis.

Isso seria um grande problema com essa visão, e eu acho que seria devastador se esse fosse o caso. Mas embora seja verdade que a visão calvinista agostiniana não é consistente com uma visão libertária de liberdade, ela ainda é consistente com uma visão de liberdade que é plausível e razoável, e essa é a visão compatibilista sobre a qual falamos. Essa é a liberdade de agir ou não de acordo com as escolhas de cada um.

Mesmo que as escolhas de alguém sejam determinadas pelo seu estado psicológico e pelos motivos e desejos mais fortes, uma pessoa ainda é livre se for capaz de agir de acordo com sua escolha. Então, isso coloca o locus da liberdade em um lugar diferente da visão libertária. A visão libertária diz que a liberdade tem a ver com a vontade não ser completamente determinada causalmente.

O compatibilista diz que não; liberdade tem a ver com uma certa capacidade de agir sobre as escolhas que se faz, mesmo que as escolhas sejam determinadas. Alguns dos pontos fortes do compatibilismo incluem que ele evita o problema da inconsistência em relação à presciência divina exaustiva, sobre a qual falamos, e à liberdade libertária. O compatibilismo também está de acordo com a linguagem comum e como identificamos as causas de nossas escolhas.

Se alguém disser, bem, por que você escolheu isso? Raro é, alguém diria, eu não sei. Quase sempre, uma pessoa é capaz de identificar as causas de suas próprias escolhas, e ao fazer isso, ela não está negando sua própria liberdade. Na verdade, eles diriam, é por isso que foi uma escolha livre porque eu escolhi por causa disso e disso e disso.

Isso mostra que foi uma escolha racional, e escolhas racionais são escolhas livres. O compatibilismo também explica melhor a liberdade e a garantia de obediência no céu. Como podemos dar sentido à nossa liberdade no céu e que obedeceremos consistentemente a Deus para todo o sempre se Deus não estiver determinando isso ou garantindo que nunca pecaremos.

Do ponto de vista libertário, parece ser problemático. Uau, você perde sua liberdade no céu? Para o compatibilista, não, você mantém sua liberdade no céu assim como você era livre aqui. Só porque Deus o cerca e determina as coisas de tal forma que você nunca peque no céu, isso não tira sua liberdade porque você ainda tem liberdade compatibilista para agir de acordo com suas escolhas.

Ele apenas garante que todas as suas escolhas serão boas. Então, essas são algumas forças e benefícios do compatibilismo. Outro problema com a visão calvinista agostiniana é que ela parece sofrer de um problema mais sério de maldade.

Parece fazer de Deus o autor do pecado. O calvinista agostiniano responderá a isso dizendo que, não, não é um problema pior na visão calvinista agostiniana do que nas outras visões da providência, que afirmam a presciência divina exaustiva. A abordagem do problema do mal que o calvinista agostiniano normalmente adota é o bem maior, a odisséia de que Deus permitiu o mal neste mundo, até mesmo ordenou eventos horríveis como a crucificação de Jesus para trazer um bem maior.

Então o bem maior, obviamente, com relação ao pior mal que já aconteceu na história humana, foi a salvação dos seres humanos por meio da obra expiatória consumada de Cristo. Se Deus pode redimir esse mal para o bem maior, ele pode redimir todos os males menores também. Então essa é tipicamente a resposta calvinista agostiniana aqui.

Para mais sobre meu próprio desenvolvimento desse paradigma teológico, essa visão calvinista agostiniana da providência, confira meu livro, *The Benefits of Providence, A New Look at Divine Sovereignty*, onde exploro as implicações dessa visão da soberania divina na prática da ciência, em nossa visão estética do mundo, emoção divina, o problema do mal, bem como questões na ética cristã e formação espiritual. Começo o livro com alguns capítulos criticando o teísmo aberto antes de me lançar naqueles benefícios positivos da visão elevada da soberania divina. Então, isso conclui nossa discussão sobre a providência divina.

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 15, Divine Providence.